

A LÍNGUA NOSSA DE CADA DIA

Emir M. Nogueira

Aportuguesamento

Pingue-pongue — estebelece o Vocabulário oficial brasileiro.

Ping pong ou **ping-pong**, com aspas ou sem elas, escrevem quase todos os jornais brasileiros, noticiando um fato que ganhou manchetes em todo o mundo: a ida de uma delegação norte-americana à China Continental para disputar partidas de pingue-pongue, restabelecendo assim as relações entre os dois países, interrompidas há mais de vinte anos.

É da índole da língua portuguesa só usar no final das palavras consoantes que possam normalmente formar sílaba com as vogais que as precedem. Por isso, as nossas consoantes finais são geralmente l, m, r, s e z, havendo também alguns raros casos de palavras terminadas em b (sob) n (hífen, pólen) e x (fênix). As demais consoantes não aparecem nessa situação

(em fim de palavra); as poucas exceções são geralmente nomes próprios de origem estrangeira (Cid, Isaac).

Mesmo os nomes próprios, porém, são frequentemente adaptados à norma geral. E' o que ocorre, por exemplo, com muitos nomes bíblicos: ou a consoante final é eliminada (Jacob passa a Jacó) ou a ela se acrescenta um e, com o qual forma nova sílaba (Ruth passa a Rute; o h não tem aí valor fonético). Às vêzes, subsistem as duas formas (David dá Davi ou Davide).

Com certas palavras, geralmente onomatopáicas, terminadas outrora em c, a solução foi substituir esta letra pelo grupo que: **tique-taque** (tic-tac), o barulho do relógio, **toque-toque**, onomatopéia de variado emprêgo, etc. Aí também se inclui o anglicismo **piquenique** (picnic).

Norma semelhante se aplica a outros vocábulos,

quase todos igualmente de origem inglesa, terminados em g na língua original: passam a ter gue em lugar dessa letra. E' o que acontece precisamente com **pingue-pongue**. E' o que deveria acontecer com **ganguê** (gang), palavra usada para designar grupo de malfeitores, quadrilha de bandidos. E' o que aconteceria com o conhecido nome geográfico **Hongue-Congue** (Hong Kong), se o quiséssemos **aportuguesar**. Lembrem-se ainda os exemplos de **bangue-bangue** (bang-bang) e **zigue-zague** (zig zag).

Há, no entanto, notória resistência a êsse tipo de adaptação de palavras estrangeiras, e mesmo de simples onomatopéias, às nossas normas ortográficas. Tal resistência é maior em relação às palavras terminadas em g, mas também existe quando se trata de c e outras consoantes. A razão é que o **aportuguesamento**, em muitos casos, não corres-

ponde precisamente à pronúncia vulgarizada daquelas palavras.

Na realidade, **pingue-pongue** não soa aos nossos ouvidos exatamente como **ping-pong**. Aqui, a consoante final é pronunciada levemente, mal se ouve (tanto que existe a variante **pim-pom**, embora pouquíssimo usada). Em **pingue-pongue**, pelo contrário, existe uma sílaba final perfeitamente articulada, mas como não é assim que geralmente pronunciamos, relutamos em aceitar o **aportuguesamento**. Além do mais, a muitos parece que a transformação do g em gue deforma demasiadamente a grafia original, outra razão para ficarem com esta.

O que está dito acima pretende explicar a razão da relutância, não justificá-la. Pois a verdade é que as formas vernáculas, ainda que defeituosas, são, como regra, preferíveis às estrangeiras.

Mistura,
ivasões,
ra de
o ver-
ra de
a, nos
s, que
o, que

em o
ando
poe-
cor-
ho,
eza
do
er-
re-
de
ou
a
s
o